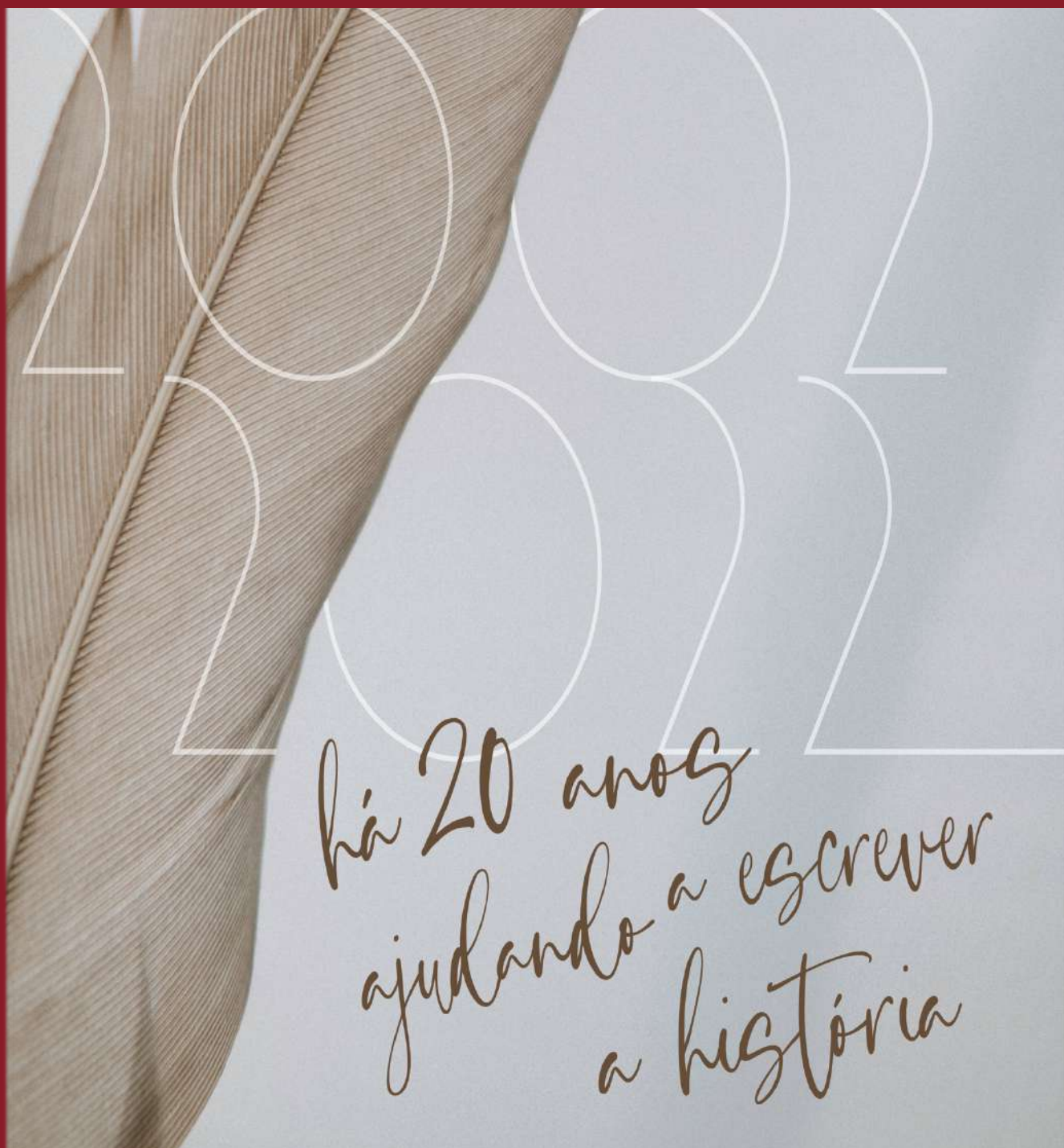


CANTAREIRA

Revista dos graduandos e dos pós-graduandos em História da UFF



CANTAREIRA 20 ANOS: edição especial
20 years CANTAREIRA: special issue

36ª ED. JAN.-JUN. 2022

Revista Cantareira / Cantareira Journal

A Revista Cantareira (ISSN 1677-7794) é o periódico eletrônico dos graduandos e dos pós-graduandos em História da Universidade Federal Fluminense, fundada em 2002. A revista tem periodicidade semestral e recebe trabalhos inéditos, teóricos ou empíricos, que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa no campo historiográfico. As suas finalidades são focar questões teóricas e críticas pertinentes aos estudos de História e áreas afins, fomentar o debate entre estudantes e pesquisadores de todo o país, oferecer aos leitores textos de excelente qualidade, democratizar o conhecimento e ser uma referência acadêmica no meio web.

www.periodicos.uff.br/cantareira revistacantareirauff@gmail.com

Comissão Editorial / Editorial Council members

Alan Dutra Cardoso (Editor-chefe) • Bárbara Câmara Aragon • Carolina da Fonseca Schlaepfer • Clárisse Santos Pereira • Eduarda de Souza Monteiro • Fernanda Olívia Lazaro Carvalho • Gabriel de Abreu Machado Gaspar • Guilherme Henrique Azevedo de Moraes Pinto • Higor Railan De Jesus Pereira • Igor Mello Diniz • Luiz Carlos Barros Joaquim Junior • Naira Mota Bezerra • Nathália Fernandes • Thais Gabrich Gueiros Pinheiro

Conselho Consultivo Nacional / National Consultative Council

Prof. Dr. Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior (UNIFAP) • Profa. Dra. Ana Isabel Cortez (URCA) • Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS) • Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (UnB) • Profa. Dra. Carla Silvano de Oliveira (UFPI) • Prof. Dr. Carlos Leandro Esteves (UFPA) • Profa. Dra. Denise Rollemberg (UFF) • Prof. Dr. Edmar Checon (UFF) • Prof. Dr. Eric Brasil (UNILAB) • Prof. Dr. Fábio Kühn (UFRGS) • Profa. Dra. Flávia Carvalho (UFAL) • Prof. Dr. Guilherme Pereira das Neves (UFF) • Profa. Dra. Ironita Policarpo (UPF) • Prof. Dr. José Bezerra Brito Neto (UFRR) • Profa. Dra. Juciene Ricarte (UFMG) • Prof. Dr. Leandro Duarte Rust (UnB) • Profa. Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves (UERJ) • Profa. Dra. Márcia Eliane Alves de Souza e Mello (UFAM) • Profa. Dra. Márcia Maria Menendes Motta (UFF) • Prof. Dr. Marcos Stein (UNIOESTE) • Profa. Dra. Maria Celma Borges (UFMS) • Profa. Dra. Mariana Esteves (UFMT) • Profa. Dra. Marina Monteiro Machado (UERJ) • Profa. Dra. Monica Piccolo (UEMA) • Profa. Dra. Patrícia de Mello Sampaio (UFAM) • Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado (UFSC) • Profa. Dra. Raquel Campos (UFG) • Prof. Dr. Valdeci Araújo (UFOP)

Conselho Consultivo Internacional / International Consultative Council

Profa. Dra. Brenda Escobar (Universidad Industrial de Santander - Colômbia) • Prof. Dr. Daniel Lvovich (Universidad Nacional de General Sarmiento- Argentina) • Prof. Dr. Hal Langfur (State University of New York at Buffalo - Estados Unidos) • Profa. Dra. Kirsten Schultz (Hall University - Estados Unidos) • Profa. Dra. Catedrática Margarida Sobral Neto (Universidade de Coimbra - Portugal) • Prof. Dr. Mario Barbosa Cruz (Universidad Autónoma Metropolitana/ UAM - México) • Prof. Dr. Javier Fernández Sebastián (Universidad del País Vasco - Bilbao - Espanha) • Prof. Dr. Juan Sebastián Gómez Gonzales (Universidad de Antioquia - Colômbia)

REVISTA CANTAREIRA

Cantareira, 36^a ed. Jan.-Jun., 2022
CANTAREIRA 20 ANOS: edição
especial
20 years CANTAREIRA: special issue

Organizador/ Organization
Alan Dutra Cardoso (editor-chefe)
Tradução/ Translation
Ana Carolina Araújo

Capa e designer/ Cover and
designer
Matheus Vieira

Editorial e sumário / Editorial and summary

1. Editorial, por Alan Dutra Cardoso (editor-chefe) 5
2. Por uma política de valorização das Revistas acadêmicas na área de História, por Fórum de Editores de periódicos da ANPUH-Brasil 8

Artigos Livres / Free Article

1. Enquadramento da memória do Holocausto a partir do filme *A Lista de A Lista de Schindler* (1993)
Framing Holocaust memory through the film *Schindler's List* (1993)
Isadora Wadi Staduto e Tereza Spyer 12
2. Memórias e impactos da Estrada de Ferro Carajás nos versos de Gutemberg Guerra
Memories and impacts of Carajás Railway in the verses of Gutemberg Guerra
Vivia Nascimento, Anaís Sofia e César Martins de Souza 25
3. Uma sociedade formada por Trein, Mentz e Renner: Uma pesquisa sobre as indústrias A.J. Renner de Porto Alegre/RS e seus empresários
A corporation formed by Trein, Mentz and Renner: A research on the industries A.J. Renner from Porto Alegre/RS and their businessmen
Jéssica Bitencourt Lopes 39
4. A cavalaria na baixa Idade Média: declínio ou transformação?
Chivalry in the late Middle Ages: decline or change?
Ives Leocelso Silva Costa 56
5. Passado pombalino em disputa: o Perfil do Marquês de Pombal, de Castelo Branco, em meio a embates sobre Pombal entre católicos e republicanos (Porto, 1882)
The Pombaline past in dispute: Castelo Branco's *Perfil do Marquês de Pombal* among clashes about Pombal between Catholics and republicans (Oporto, 1882)
Gustavo Pereira 75
6. A primeira Assembleia Continental Guarani: um movimento indígena na história contemporânea
The first Guarani Continental Assembly: an indigenous movement in contemporary history
Edson dos Santos Junior 105

7. A formação do complexo colonial da Empresa Colonizadora Serafim Fagundes & Cia na região do planalto rio-grandense (1898-1899)
The formation of the colonial complex of the Serafim Fagundes & CIA colonizer in the region of Planalto Rio-grandense (1898-1899)
João Vitor Sand Theisen 120
8. Nem tudo deve ser lembrado: relação entre o arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela, memória e política a partir da experiência de acesso ao arquivo privado "Paulo VI" da arquidiocese de Teresina-PI
Not everything should be remembered: relationship between Archbishop Dom Avelar Brandão Vilela, memory and politics from the experience of accessing the private archive "Paulo VI" of the Archdiocese of Teresina-PI
Lenilson Rocha Portela 137
9. Tomás Antônio Gonzaga e o Tratado de Direito Natural: uma discussão sobre Justiça e poder no período pombalino
Tomás Antônio Gonzaga and the Natural Law Treaty: a discussion on Justice and power in the pombaline period
Hiago Rangel Fernandes 150

Transcrição / Transcript

- Domínio e dependência nas relações políticas entre sobas e a Administração Portuguesa na Angola do século XVIII
Dominion and dependence in political relations between sobas and the Portuguese Administration in 18th century Angola
Luana Mayer, Gabriella Araújo, Jessica Dantas, Mariany Mathias e Lara Oliveira 169

Esta edição da Revista Cantareira contou com o apoio e financiamento para tradução do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia História Social das Propriedades e Direitos de Acesso, Proprietas. A Comissão Editorial torna público o agradecimento ao Instituto e aos seus gestores.

The translation of Cantareira's Journal was supported and founded by the National Institute of Science and Technology Social History of Properties and Access Rights, Proprietas. The Editorial Committee makes publicly thanks to the Institute and its managers.

EDITORIAL

Cantareira em dois cenários

Alan Dutra Cardoso ¹

Escrever as páginas deste pequeno editorial é um desafio, além de uma enorme responsabilidade. Peço escusas, desde já, pelo caráter aparentemente mais informal do discurso, dado não apenas pelo tom de quem o escreve, mas pela defesa de que há a necessidade de assim fazê-lo nesta conjuntura. Isso talvez também esteja umbilicalmente associado ao fato de sermos hoje uma geração completamente diferente daquela que outrora *foi* a Revista Cantareira.

Os marcos elucidativos não poderiam ser os mais diversos e – inexplicavelmente – coincidentes. O primeiro, o ano de 2002, foi marcado pela ascensão de uma nova conjuntura política no Brasil, com a eleição do primeiro presidente oriundo das classes populares a ocupar o cargo de Presidente da República: um metalúrgico, pobre e nordestino, que não havia completado o seu primeiro ciclo de estudos e impulsionou gerações em diferentes esferas da sociedade. Na Universidade Federal Fluminense, penso que o contexto era de grande euforia, dado o caráter combativo da instituição e de sua comunidade.

Na Área de História, essa excitação também pareceu recuperar o que décadas antes mobilizou outro notável grupo estudantil, que havia criado, com o apoio de intelectuais e mestres de peso – como Leandro Konder – a intitulada *Revista Arrabalde*. Como outrora defendeu esse filósofo, a própria alcunha carregava em si o pragmatismo de sua proposta: o de fazer – e ser – os lugares de mediação dialética entre a cultura das metrópoles e a cultura das províncias (KONDER, 1988). Parece-nos factível perceber que a *Cantareira* também se dispôs, em certo sentido, a contribuir com a expansão dos espaços de intermediação.

O nome do periódico – sugestivo, é certo – não apenas faz alusão a um espaço outrora ocupado por oficinas ou estaleiros. A alcunha homenageia e reatualiza um lugar imortalizado e patrimonializado pela comunidade niteroiense e por seus “agregados”. Apenas uma pesquisa detalhada pode revelar os bastidores que deram à Revista, em seu batismo, aquela denominação, para além de detalhar a sua relação com o ambiente acadêmico e estudantil dos anos dois mil.

Os desafios não devem ter sido pequenos. A internet começava apenas àquela altura a se popularizar, bem como eram muito insipiente o acesso às fontes documentais pelas

¹ Alan Dutra Cardoso é doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense e mestre pela mesma instituição (2019). É pesquisador júnior do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia *Proprietas*, editor-chefe da Revista Cantareira (2019-2021) e bolsista da CAPES. Investiga, atualmente, os conflitos por terras de seringais no Amazonas, na virada do século XIX para o XX. Suas pesquisas se dedicam à história, econômica, social e política, história agrária, história social das propriedades, história dos conflitos de terra e história do direito.

plataformas digitais. A academia brasileira permanecia, apesar dos avanços incomensuráveis desde a década de oitenta, a ter os seus bancos ocupados por poucos *arrabaldianos*, a despeito da existência – e persistência – de muito deles. O que dizer, então, dos espaços de protagonismos estudantis?

A *Cantareira*, após o seu germinar, sempre se desenvolveu a partir de muitas mãos. Dada as condições de cada época, poucos são os registros que detemos para melhor contextualizar o que veio a seguir. A Revista passou sua infância e debute firmes, mas também um pouco turbilhoada. Cresceu, ganhou notoriedade e se profissionalizou. Seus membros, colegas e apoiadores também viram expandir o bolo da produção acadêmica, da valorização das humanidades e da História e das transformações que trouxeram novos ventos para a sociedade brasileira – e a Universidade, em especial.

Em seus vinte anos, o fascículo foi palco dessas transformações, consolidadas nas temáticas e pesquisas que compuseram cada uma de suas edições. Entre temáticas que vêm e voltam, algumas outras parecem constituir um fio-condutor que marca instituições e seus investigadores. Durante duas décadas se discutiram temas como os conflitos agrários e a sociedade colonial; os espaços da cidade e do campo; literatura, campo científico e teoria da História; gênero, fronteiras, trabalhadores etc.

Se a conjuntura permitiu que esses alunos mobilizassem uma estrutura para coordenação e financiamento de uma revista, mobilizados pelo interesse de seguir o processo de renovação das pesquisas realizadas na Universidade, ela também foi palco de uma reestruturação que os absorveu na qualidade de docentes. A “década de ouro” do fomento à investigação no país permitiu não apenas a reprodução de iniciativas discentes, mas garantia, a longo prazo, a perspectiva de ingresso nas carreiras dos magistérios de nível básico, técnico e superior.

Com a saída de muitos e a entrada de outros, a *Cantareira* chegou em meados da década de dez com uma nova roupagem, já cindida pelos critérios de avaliação consolidados na área. Com a articulação de distintos segmentos da pós-graduação, se retomava a filiação umbilical de uma Área de História que defendia a permanência entre aquele último e a graduação. Neste sentido, os últimos anos, a despeito das particularidades que carrega, buscou sempre dar luz aos princípios balisares do periódico.

Esse Brasil *foi* achincalhado em 2016, por um golpe de Estado, de caráter parlamentar. Em um contexto em que a universidade vivia sob eminente ataque, a *Cantareira* se preparou para comemorar os seus quinze anos. Realizou, por um lado, encontros com outras revistas, compôs Fóruns de Editores – como o da Associação Nacional de História e da própria UFF –, renovou o portal que nos hospeda e passou a cada vez mais seguir os chamados processos de modernização, impostos ou não. Por outro, a desfinanceirização das atividades organizadas por alunos foi uma das marcas negativas de um país que *foi*. Dos recorrentes editais que se promulgavam, eram inexistentes aqueles voltados para o segmento da universidade que passou a ser exigido – e a se exigir – maior participação na produção contabilizada para as correntes

avaliações. No caso da *Cantareira*, apenas com recursos próprios de seus editores, da pós-graduação, laboratórios e INCT, foi possível constituir as marcas que hoje carregamos.

É preciso avançar, contudo.

É necessário pensar, definir e se posicionar sobre o que *será*.

Escrevo este editorial como apenas parte de uma, de várias comissões que por aqui passaram. Cada uma, a seu modo, lidou com as marcas de seu contexto. Mas, se há algo que pode unificá-las, foi o desejo de fazer com que esta revista permaneça atuante e combativa enquanto um *projeto* e um *patrimônio* coletivos. Como outrora nos lembrou *Arrabalde*, é preciso democratizar o processo de produção e conhecimento dos professores-pesquisadores de História a partir dos desafios que hoje marcam a sociedade brasileira.

Para isso, torna-se incontornável a defesa da inserção dos discentes não apenas na Plataforma Sucupira, mas nas linhas dos editais que, embora escassos, ainda dão margem para o pleito de recursos à pesquisa e inovação em órgãos de fomento nacionais ou estaduais. É preciso garantir que o financiamento também se converta em reconhecimento das especificidades do trabalho de gestão de um periódico, muitas vezes ignorado em concursos e seleções públicas e privadas. Considera-se importante defender, em colegiados de institutos e dos mais altos órgãos de regulação das universidades, a institucionalização da atividade editorial inclusive em campos específicos de nossos currículos lattes, dada a magnitude para sua manutenção e desenvolvimento cotidianos.

Pouco antes de completar seus vinte anos, a *Cantareira* viu chegar ao seu interior outra geração. Esta, que se despede, traz à cena novos protagonistas. Assim como fomos desafiados no passado, os novos integrantes também o serão. Espero que a casualidade das datas no seu aspecto macro (2002-2022) também mobilizem a nascente Comissão. Que as eventuais respostas sociais dadas as nossas atuais crises façam jus àquelas que, nos limiares dos anos 2000, se fizeram reverberar na Universidade. E que as façam, como disse um velho barbudo, para fazer melhor e mais do que já foi feito.

EDITORIAL

Cantareira in two scenarios

Alan Dutra Cardoso¹

Writing the pages of this small editorial is a challenge, as well as a huge responsibility. I apologize, in advance, for the apparently more informal nature of the speech, given not only by the tone of the person who writes it, but by the defense that there is a need to do so at this juncture. This may also be inextricably linked to the fact that today we are a completely different generation from what was once the *Revista Cantareira*.

The explanatory milestones could not be the most diverse and – inexplicably – coincidental. The first, the year 2002, was marked by the rise of a new political situation in Brazil, with the election of the first president from the popular classes to occupy the position of President of the Republic: a metallurgist, poor and northeastern, who had not completed his studies and boosted generations in different spheres of society. At Fluminense Federal University, I think the context was one of great euphoria, given the combative character of the institution and its community.

In the field of History, this excitement also seemed to recover what decades earlier had mobilized another notable student group, which had created, with the support of important intellectuals and masters – such as Leandro Konder – the entitled *Revista Arrabaldes*. As this philosopher once defended, the name itself carried the pragmatism of its proposal: that of making – and being – the places of dialectical mediation between the culture of the metropolises and the culture of the provinces (KONDER, 1988). It seems possible to understand that Cantareira was also willing, in a certain sense, to contribute to the expansion of intermediation spaces.

The name of the journal – suggestive, it is true – not only alludes to a space once occupied by workshops or shipyards. The name honors and updates a place immortalized by the Niteroi community and its “aggregates”. Only detailed research can reveal the backstage that gave the Journal, at its baptism, that name, in addition to detailing its relationship with the academic and student environment of the 2000s.

¹ Alan Dutra Cardoso is a doctoral student in History at the Fluminense Federal University and has a master's degree from the same institution (2019). He is a junior researcher at the National Institute of Science and Technology - Proprietas, chief editor of *Revista Cantareira* (2019-2021) and a CAPES scholarship holder. He is currently investigating the conflicts over rubber plantation lands in the Amazon, at the turn of the 19th to the 20th century. His research is dedicated to economic, social and political history, agrarian history, the social history of property, the history of land conflicts, and the history of law.

The challenges must not have been small. The internet was just beginning to become popular at that time, and access to documentary sources through digital platforms was very incipient. Despite the immeasurable advances since the 1980s, Brazilian academia continued to have its seats occupied by few *arrabaldianos*, despite the existence – and persistence – of many of them. What can we say, then, about the spaces of student protagonism?

The *Cantareira*, after being created, was always made from many hands. Given the conditions of each period, there are few records that we have to better contextualize what came next. The magazine spent its childhood and debut steady, but also a little turbulent. It grew up, gained notoriety, and became professional. Its members, colleagues and supporters also saw the expansion of the academic production, the appreciation of the humanities and History and the transformations that brought new winds to Brazilian society – and the University, in particular.

In its twenty years, the issue was the stage of these transformations, consolidated in the themes and research that composed each of its editions. Among the themes that come and go, some others seem to constitute a guiding thread that marks institutions and their researchers. For two decades, topics such as agrarian conflicts and colonial society were discussed; the spaces of the city and the countryside; literature, scientific field and theory of history; gender, borders, workers, etc.

If the situation allowed these students to mobilize a structure for the coordination and funding of a journal, mobilized by the interest of following the process of renewal of the research carried out at the University, it was also the stage of a restructuring that absorbed them as professors. The “golden decade” of research promotion in the country allowed not only the reproduction of student initiatives, but also guaranteed, in the long term, the prospect of entering the teaching careers of basic, technical and higher education.

With the departure of many and the entry of others, *Cantareira* arrived in the middle of the new decade with a new guise, already split by the evaluation criteria consolidated in the area. With the articulation of different graduate segments, the umbilical affiliation of a field of History that defended the permanence between the latter and graduation was resumed. In this sense, in recent years, despite the particularities it carries, it has always sought to shed light on the journal's guiding principles.

This Brazil was mocked in 2016 by a parliamentary coup. In a context in which the university was under imminent attack, *Cantareira* prepared to celebrate its fifteenth anniversary. On the one hand, it held meetings with other magazines, composed Forums of Editors – such as the National Association of History and UFF itself –, renovated the portal that hosts us and started to increasingly follow the so-called processes of modernization, imposed or not. On the other hand, the de-financialization of activities organized by students was one of the negative marks of a country that was in the past. Of the recurring public notices that were promulgated, there were

none aimed at the university segment that started to be required – and required itself – greater participation in the production accounted for in the current evaluations. In the case of *Cantareira*, only with the resources of its editors, graduate studies, laboratories and INCT, it was possible to create the brands that we carry today.

It is necessary to move forward, however.

It is necessary to think, define and position yourself on what *will be*.

I write this editorial as one part of several commissions that have passed through here. Each, in its own way, dealt with the marks of its context. But, if there is one thing that can unify them, it was the desire to make this magazine remain active and combative as a *collective project*. As *Arrabalde*s reminded us in the past, it is necessary to democratize the process of production and knowledge of history professors-researchers based on the challenges that mark Brazilian society today.

For this, it becomes unavoidable to defend the insertion of students not only in the Sucupira Platform, but in the lines of the public notices that, although scarce, still help demanding resources for research and innovation in national or state funding agencies. It is necessary to ensure that funding is also converted into recognition of the specifics of the management work of a journal, often ignored in public and private competitions and selections. It is considered important to defend, in collegiate bodies of institutes and the highest regulatory bodies of universities, the institutionalization of editorial activity, including in specific fields of our Lattes curricula, given the magnitude of its daily maintenance and development.

Shortly before turning twenty years old, *Cantareira* saw another generation arrive in its interior. This one, which says goodbye, brings new protagonists to the scene. As we have been challenged in the past, the new members will also be challenged. I hope that the chance of the dates in their macro aspect (2002-2022) will also mobilize the nascent Commission. May the eventual social responses given to our current crises do justice to those that, on the threshold of the 2000s, reverberated in the University. And let them do it, as an old bearded man said, to do better and more than has been done before.